

**FACULDADES INTEGRADAS SANTA CRUZ DE CURITIBA – FARESC
IN LITTERAS – REVISTA DOS CURSOS DE LETRAS E PEDAGOGIA**

VIOLÊNCIA NA ESCOLA: A CONTRIBUIÇÃO DA FAMÍLIA PARA TAL

OLIVEIRA, Iraci Cristina Soares de¹

SCHNEIDER, Vanessa Ribeiro²

Orientadora: SOFFA, Marilice Mugnaini³

RESUMO

A presente pesquisa lança a problemática que em meio a tantas violências que presenciamos, nos dias de hoje, uma das que está sempre em evidência é a violência nas escolas. Muitos são os fatores que influenciam os alunos a exercer tal ato, inclusive possíveis contribuições da família em relação tais atitudes violentas que acontecem nas escolas. Foi possível refletir a problemática sobre as possíveis contribuições da família em relação aos atos de violência que acontecem nas escolas. Seguindo esta perspectiva, o artigo teve como escopo buscar entender em quais contextos e situações ocorrem a violência na escola, indicando formas de minimizar as consequências e os efeitos causados por esse ato, desempenhando uma maneira de confluir a escola e a família compreendendo que ambas são de grande importância na formação do sujeito. A pesquisa é embasada nas ideias dos principais autores da área como Cortella (2014, 2015, 2017), Freuri (2008), Abramovay (2005) e Luckesi (1993). Por meio deste artigo, foi possível refletir a necessidade de uma educação mais humanizada, com a consciência e a atitude de mudança, sendo um trabalho coletivo de todos os indivíduos que estão diretamente ligados na educação e formação do educando.

Palavras-chave: Educação. Família. Violência.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem o intuito de apresentar a temática sobre violência na escola e a contribuição da família para esta problemática. Problema esse que está presente hodiernamente, pois em meio a tantas violências que se presencia, uma das que está sempre em evidência é a violência nas escolas e muitos são os fatores que influenciam os alunos a exercer tal ato.

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia das Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba.

² Acadêmica do Curso de Pedagogia das Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba.

³ Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Paraná. Especialista em Organização do Trabalho Pedagógico pela Universidade Federal do Paraná e em Formação Pedagógica do Professor Universitário pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Docente nas Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba.

Justifica-se a pesquisa do tema, pois nos dias atuais estão cada vez mais acentuados nas escolas diversos tipos de violências, como por exemplo, a física, a verbal e a psicológica, que ocorre tanto entre os próprios alunos, quanto entre professores e alunos.

Segundo pesquisas realizadas pelo IBGE (G1 BRASIL, 2010), há um percentual de 35,6% de alunos do 9º ano do ensino fundamental que sofreram abusos por colegas da escola. Sobre violência nas escolas, a pesquisa realizada baseou-se em alunos dos oitavos e nonos anos do Ensino Fundamental. Dado este em que a cidade de Curitiba posiciona-se em terceiro lugar no "ranking" da pesquisa, mantendo-se na retaguarda apenas do Distrito Federal e Belo Horizonte. Estas violências que ocorrem dentro das escolas, englobam desde uma chateação inoportuna sendo feita de forma verbal, até uma agressão física. Tais atitudes de violência podem gerar na vítima: dor, aflição, desconforto, perturbação, angústia, exclusão, desolação, humilhação e discriminação.

Diante desse contexto, a presente pesquisa apresenta a seguinte problemática: Quais as possíveis contribuições da família em relação aos atos de violência que acontecem nas escolas?

Sabe-se que estas atitudes são prejudiciais para o desenvolvimento, o desempenho e as relações interpessoais do aluno, porém nem sempre é possível evitar tais confrontos, sendo que estão presentes desde os primeiros anos do ensino fundamental até os últimos anos do ensino médio.

Faz se necessário uma pesquisa mais aprofundada sobre o tema, a fim de tentar preparar os licenciados para o provável cenário que irão se deparar no ambiente escolar. Por outro lado, podem-se orientar as famílias em relação à relevância que a mesma tem na colaboração da formação integral das crianças e adolescentes, sendo que os estudantes trazem para o contexto da escola aquilo que faz parte da sua cultura familiar, atos que eles vivenciam e compartilham entre seus familiares se reflete dentro da escola, até mesmo em atitudes violentas.

O intuito desta pesquisa realizada é alcançar a família, para que esta compreenda a sua importância nesse trajeto, assim como os professores, para que estes consigam trabalhar com estes alunos independentes da bagagem que eles trazem de casa. E por último, não menos importante, oferecer um suporte estrutural aos recém-licenciados para enfrentar diversos desafios que irão surgir no decorrer de sua vida profissional, identificando quais as causas e as consequências diante de atitudes agressivas, para assim esquematizar soluções juntamente com a escola e a família.

Para responder à questão problematizadora, o artigo tem como objetivo geral, entender em quais contextos e situações ocorrem a violência na escola, indicando formas de minimizar as consequências e os efeitos causados por esse ato, desempenhando uma maneira de confluir a escola e a família compreendendo que ambas são de grande importância na formação do sujeito. E como objetivos específicos, identificar os tipos de violência no ambiente escolar para que seja possível controlar e estar mais atento em relação a tais atos, discernir qual é a relação entre família, escola e docente e suas consequências diante da violência, e apresentar medidas preventivas e ações interventivas para a violência escolar e o papel da família nestas.

Esta pesquisa é explicativa, pois tem como finalidade conhecer os diversos tipos de violências e o motivo pelo qual as mesmas ocorrem dentro do ambiente escolar, saber reconhecer a origem de tais atos, compreender qual é a importância e a responsabilidade da família na vida da criança e descrever o quão essencial é a relação entre família, escola e licenciado.

As metodologias para coletar os dados desta pesquisa foram pesquisas bibliográficas em livros, artigos e afins. Para que haja aprofundamento maior diante dessas situações e assim, possamos obter um conhecimento mais detalhado a respeito da situação proposta.

2 TIPOLOGIA E CONCEITOS DE VIOLÊNCIA ESCOLAR

Relatar sobre a violência é de uma imensa complexidade, pois é algo que está diretamente ligado à história de antepassados para obterem conquistas em guerras, lutas para aquisição de territórios, crenças religiosas, entre outros.

É possível compreender que há um determinado desafio para compreender essa complexidade, pois como afirma Freuri (2008, p. 108, grifo do autor): “Trata-se, pois de complexidade que se tecem juntas, desafiando-nos a trabalhar com a *incerteza*”.

A complexidade procede uma vez que a violência e a rebeldia acompanham a vida escolar desde as antiguidades. Aquino (1996) mostra que a educação de antigamente, se dava por meio de pânico, aversão e apreensão. Na antiga Grécia e Roma, o ensino era transmitido por escravos, que frequentemente exercia o ato de disciplinar com chicotes e varas e seus seguidores contestavam espancando ou até mesmo tirando a vida daqueles que lhes ensinavam (FREURI, 2008).

A violência em si pode ser definida como práticas intencionais de provocar prejuízos a uma determinada pessoa ou mais. Faz-se presente a intenção de destruir, coagir, usar a força, abusar-se do poder, entre outros, causando dano e consequências negativas no físico e/ou

psíquico do indivíduo prejudicado. Podemos nomear o indivíduo prejudicado de vítima, pois de algum modo ele está sofrendo um detrimento, isto é, subsistindo à desvantagem, perda, dano, prejuízo, causada por indivíduos com segundas intenções. Tais atos também ocasionam à vítima: transtorno, aflição, dor, angústia, desespero, apreensão, entre outros (EYNG; GISI; ENS, 2009, p. 472).

É importante ressaltar que no ato de violência faz-se a existência da vítima, assim como se faz presente o agressor. Segundo Chalita (2008, p. 181), a maioria das vezes as ações que são coladas nos agressores de uma forma empírica, fazem deles vítimas também, os levando a carecerem de ajuda tanto quanto as vítimas que sofrem tal violência, Chalita relatou que: “são as vítimas-agressores, que sofrem e, ao mesmo tempo, cometem atos violentos com outros. Jamais tiveram a oportunidade de aprender o sentido ético nas relações: ‘não faça para o outro o que não deseja para você’”.

É comum ouvirmos a relação entre as palavras “violência” e “agressão”, porém há certa diferença entre esses dois termos. Entende-se que a violência tem a finalidade de destruir, ofender e coagir, já a agressividade designa-se em provocar prejuízos, mas também considerada de extrema importância para a sobrevivência, à agressividade é intencional tendo como objetivo de oferecer danos no físico ou psíquico de determinada pessoa. Assim como o mesmo termo é considerado um elemento próprio para a vivência humana, sendo necessária e fundamental para resistir, defender e adaptar-se (SOUZA, 2009).

Vive-se atualmente uma era de modificação acelerada, o que está ao redor muda a cada instante, logo, a escola também passou por mudanças, apesar dessas alterações dentro do ambiente escolar foram ínfimos do que o entorno (CORTELLA, 2014). Mesmo com diversas mudanças, o ambiente escolar continua sendo um local de vulnerabilidade social e pessoal, sendo assim, é de grande importância que haja uma determinada relação entre todos os integrantes do contexto escolar, juntamente com a sociedade que está inserida ao redor da instituição. Como Freuri (2008, p. 32) relata: “a cerca e a setorização do espaço escolar limitam a possibilidade de que a relação entre pessoas da comunidade e membros da escola aconteça de forma espontânea e recíproca”.

Após refletir sobre o relato do autor, compreende-se que, apesar de se fazer necessário a relação entre os integrantes do ambiente escolar juntamente com a sociedade, existem obstáculos que faz com que essa interação não ocorra como deveria ser, segundo o autor, os muros divisórios entre a escola e a sociedade, juntamente com a divisão de um sistema, são a razão para que haja um limite na relação.

Atualmente ocorrem diversas formas de violências entre alunos e muitas vezes envolvendo até mesmo os docentes, violências estas que causam consequências negativas. Tais atos intercorrem diariamente dentro da instituição, porém nem sempre é notado ou percebido. Pois se trata de uma problemática complexa que envolve toda a sociedade, e a escola estando inserida no meio dessa ampla sociedade está totalmente sujeita a casos de violência para o lado de dentro dos muros escolares (FREURI, 2008).

Guimarães (1996) visualiza a violência como uma ação que é realizada de uma forma forçada, onde a mesma causa uma inibição e coação tanto física quanto moral, opugnação⁴ físicas e verbais, depredação entre outros. O que nos leva a identificar tais atitudes expressadas pelos alunos no espaço interno da escola como também em seus arredores. É comum vermos alunos fazendo brincadeiras entre si, e também com os professores, essas brincadeiras partem de um âmbito tanto verbal quanto física. Mas a questão é até qual ponto tais brincadeiras são aceitáveis e a partir de qual momento são consideradas como atos de violência. Houaiss e Villar (2008, p. 2866) identificam como atos de violência:

[...] ação ou efeito de violentar, de empregar força física (contra alguém ou algo) ou intimidação moral contra (alguém); ato violento, crueldade, força; cerceamento da justiça e do direito; coação, opressão, tirania; constrangimento físico ou moral exercido sobre alguém, para obrigá-lo a submeter-se à vontade de outrem [...].

Tais atos ocorrem com frequência dentro das instituições escolares, quando é mencionado o alto nível de violências que ocorrem dentro do ambiente escolar, é mencionado que estas ocorrem somente em escolas da periferia. Porém, há certa ignorância neste pensamento, pois escolas em que existe um poder aquisitivo alto também estão sujeitas à violência, pois diante de variadas diversidades entre os integrantes do ambiente escolar, seja social, étnico, gênero, entre outros, e independentemente de qual seja a instituição, se faz presente alunos que se diferenciam pela pobreza e outros abastados, mas ambos sofrem ou praticam o ato de infração violenta. Como ratifica Leme (2009, p. 544):

Embora seja pertinente relacionar o aumento da violência escolar com a desigualdade social, e a conseqüente frustração de expectativas de ascensão e consumo, só esses fatores não são suficientes para explicar o fenômeno, pois observa-se a ocorrência de violência também em instituições privadas de ensino (ABRAMOVAY, 2004), onde o nível de afluência econômica é geralmente mais alto.

O fato de existir crianças e adolescentes abandonados e desassistidos, torna-se uma problemática extrema, pois é intensa a importância que todos os alunos estejam sob um olhar cuidadoso, cauteloso, minucioso e prestativo, já que atos violentos podem ser consequências

⁴ Opugnação: agressão. Disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com/opugnacao>. Acesso em: 19 set. 2017

de conflitos e problemas mais profundos, que podem estar presente dentro do espaço escolar ou além dos muros da escola. Por isso, faz-se necessário que a escola esteja por dentro do contexto social em que seus alunos estão inseridos, pois se sabe que a realidade do dia a dia do aluno interfere diretamente dentro do ambiente escolar.

É possível que a atitude violenta seja uma “imitação” daquilo que ele presencia ou vivencia, assim como também ele esteja usando a violência como um pedido de socorro em relação a algum sentimento ou necessidade. Portanto, é de grande relevância que tais práticas negativas sejam observadas e analisadas, que o docente tenha um determinado posicionamento, estratégia e atitude para lidar perante a tais fatos de violência, sendo necessário também inserir no currículo educacional a realidade vivida pelos alunos (FREURI, 2008).

Apesar de a atitude violenta estar relacionada com algo mais profundo, é necessário que haja a elaboração de projetos para intervir sobre tais atitudes e formulação de medidas disciplinares. “Disciplina” não está relacionada simplesmente ao um comportamento aceitável, mas sim ter uma perspectiva detalhada e métodos eficientes.

Estes métodos atuam diretamente sobre o corpo das pessoas. Consequentemente, sobre a sua negligência e sobre suas atitudes. Visam a permitir o controle minucioso e a sujeição constante de suas atividades (FREURI, 2008).

Freuri (2008) teve o propósito de transmitir que a disciplina fortalece suas energias e aperfeiçoa seus talentos, sendo assim, por meio de uma medida disciplinar o indivíduo irá aprender a fazer a inversão daquilo em que ele estava utilizando como ato da violência para algo produtivo. Segundo Freuri (2008) torná-los mais obedientes e mais úteis. Embora que métodos disciplinares sejam antigos e muito usados nos nossos antepassados, faz-se necessário a utilização da mesma nos nossos dias atuais, tornando assim uma estratégia de poder na sociedade moderna. Ao utilizarmos o método disciplinar, não se pode confundir violência com indisciplina. De acordo com Garcia (2001), a indisciplina é um problema comportamental que vem a ferir a cognitividade do indivíduo, já a violência atinge a outros.

Conforme com Leme (2006) as violências identificadas com mais facilidade nas escolas são as verbais, as mesmas podem partir de um apelido pejorativo, xingamentos e chacotas, assim como também há determinadas violências que são menos visíveis, sendo mais complexas de serem identificadas. Seus danos podem ser catastróficos e duradouros, estas violências são identificadas como rejeição, exclusão e difamação. Nas escolas estas violências geralmente acontecem de uma forma mais implícita, em lugares menos populosos, onde o agressor pode agredir e coagir a vítima sem ser percebido. É possível perceber a influência

que o meio em que a vítima ou o agressor estão inseridos irá contribuir diretamente para atitudes violentas.

Preconceitos também nascem em casa. A criança é como uma esponja, que vai sugando o que percebe, ouve e sente. A forma como os pais se tratam e tratam os outros, comentários sobre culturas diferentes, posicionamentos ideológicos determinada classe social, condição econômica, gênero, etnia, orientação sexual etc., vão aos poucos povoando uma mente que não tem poder de separar o joio do trigo (CHALITA, 2008, p. 23).

Nota-se que a criança e o adolescente são reflexos do que vivenciam no meio familiar, trazendo muitas das vezes de seu próprio meio de convívio o preconceito. Cabe mencionar o bullying, atitude esta que pode começar muito cedo.

É possível descrever que o bullying se faz presente até mesmo dentro do ambiente familiar. Pode-se citar o exemplo de dois irmãos que se envolvem em brigas entre eles mesmos, ou quando os pais fazem comparações entre os filhos, ou até mesmo quando se inicia na escola onde sempre tem um “valentão” forte que intimida o mais fraco (CHALITA, 2008). Como afirma Abramovay (2005, p. 197):

Em outra linha, há os que se preocupam e destacam o componente cultural, a questão de valores como a valorização de ser valente, como uma forma de obter credibilidade, respeito e poder entre os demais e receber destaque, especialmente quando suas ações despertam sentimento de insegurança em outrem. Tal perspectiva tende a ser mais crítica, dá mais margem para a suposição de que há lugar para retrabalhar valores, desconstruir culturas, investir em autoestima.

O poder que Abramovay (2005) citou, pode-se relacionar também com o ato de vitimização na qual a opugnação ocorre da parte do adulto para com a criança, prevalecendo-se da sua autoridade e poder, sendo assim, tais atitudes provocam consequências negativas à vítima, tornando-as indivíduos constrangidos e amedrontados, resultados estes que partem a partir de um ato de intimidação. Sendo assim, o adulto tem suas ordens atendidas por meio de seu autoritarismo. De acordo com Guerra (1989, p. 51):

Observa-se a família e também a sociedade em geral, verifica-se que há uma hierarquia entre categorias de sexo e faixas etárias. Ou seja, o homem domina a mulher que, por sua vez, domina a criança no dia a dia, criando uma auréola entorno do homem. Em virtude disto, o homem tem seu poder aumentado face à criança e, ao fim e ao cabo, também em relação a mulher que o endeusa. Assim, torna-se clara a hierarquia: o homem adulto é o mais poderoso, e a criança é destituída de qualquer poder.

Para isso tem-se o respaldo na Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), no qual os protege de atitudes abusivas do poder. Segundo o artigo 5º do ECA: “Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, unido de forma da

lei qualquer atentado, por ação ou omissão aos seus direitos fundamentais” (BRASIL, 1990, p. 14).

Mas, se faz refletir a razão desses atos de violência, estar se propagado cada vez mais. É possível perceber hodiernamente a violência estampada de uma forma explícita, na qual as notícias se propagam rapidamente, muitas dessas notícias causam espanto, indignação e até mesmo revolta, outras nem tanto.

Muitas vezes, questionamentos são levantados sobre as mudanças que vem ocorrendo ao longo do tempo, atos que antigamente eram considerados hediondos, na atualidade estão sendo aceitos com mais naturalidade. Silva (2004) traz a compreensão de qual o motivo que estimula a ocorrência para que certas violências sejam aceitas como algo normal. Entende-se que a mídia tem sido uma extrema influência sobre a sociedade, e a mesma transmite a motivação a respeito da violência, muitas vezes sensacionalizando um ato, não dando a devida importância na transmissão que estão fazendo.

[...] como mais um fator de promoção da violência a maneira como ela tem sido veiculada pelos meios de comunicação: a real é transmitida na forma de espetáculo, o que acaba não sensibilizando ninguém, e a virtual com um grau de realismo que faz com que seja confundida, a ponto de não saber mais quando se trata de uma ou de outra. Ao contrário, os meios de comunicação têm contribuído para a banalização deste fenômeno [...] A violência passa a ser vista como algo comum e até certo ponto como um fenômeno normal, e quiçá natural (SILVA, 2004, p. 82).

Segundo Silva (2004), os meios de comunicação é uma grande aliada para a transmissão de violências, porém mesmo existindo certa “razão” da violência estar se propagando tanto, é inconcebível como tem se expandido o uso de violências físicas e morais dentro do ambiente escolar, já que deveria ser um local que estivesse envolvido apenas pontos positivos, um espaço de prazer e alegria, recinto preparado para adquirir e transmitir conhecimentos, enfim, o contexto escolar deveria estar envolvido em ações educativas e reflexão. Luckesi (1993, p. 77) afirma que:

Privilegiar a escola, como objeto de estudo e reflexão, significa assumi-la como instância erigida pela sociedade para a educação e instrução das novas gerações. Isso não significa que outras instâncias educacionais, tais como família, comunidade, grupo social etc, não tenham um papel significativo.

É a constatação sobre a importância tanto do ambiente escolar, quanto da sociedade e família, para a real transmissão de educação e instrução para as novas gerações. Em relação a essa ideia, é possível basear-se também na Declaração dos Direitos da Criança (UNICEF, 1959), no Princípio 6, que traz a importância do meio familiar para o desenvolvimento completo do sujeito.

Para o desenvolvimento completo e harmonioso de sua personalidade, a criança precisa de amor e compreensão. Criar-se-á, sempre que possível, aos cuidados e sob a responsabilidade dos pais e, em qualquer hipótese, num ambiente de afeto e de segurança moral e material, salvo circunstâncias excepcionais, a criança da tenra idade não será apartada da mãe. À sociedade e às autoridades públicas caberá a obrigação de propiciar cuidados especiais às crianças sem família e àquelas que carecem de meios adequados de subsistência. É desejável a prestação de ajuda oficial e de outra natureza em prol da manutenção dos filhos de famílias numerosas (UNICEF, 1959, p. 1).

Diante desta afirmação e da relevância que a família tem sobre a vida da criança e do adolescente, é importante ressaltar a importância da temática relação família-escola, já que ambos são os principais transmissores para o desenvolvimento humano. Logo, indaga-se até que ponto a família colabora e influencia para tais atos de violência.

3 A FAMÍLIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA VIOLÊNCIA ESCOLAR

O presente capítulo aborda sobre a contribuição da família em meio à violência escolar. Para melhor compreensão, é importante trazer algumas informações históricas, pois o assunto tratado neste artigo tem origem desde a infância.

Cortella (2017, p. 15) apresenta o significado de infância. Esta deriva da palavra "infante" que quer dizer não falante. Segundo o autor, "infante, em latim, é aquele que não pode falar".

Quando se ouve a palavra "infante" e se tem conhecimento do significado desta, entende-se que a criança não pode falar. Porém, Cortella (2017) explica que "o não falante" era referente à criança não tomar a decisão ou ter voz ativa diante de uma situação, diferente do que é possível perceber hodiernamente. As gerações foram mudando, e hoje, se faz uma reunião na qual a criança participa para aprovar ou não de decisões tomadas pelos pais ou pela família.

Na geração dos meus avós, era "nenhuma voz"; na dos meus pais, "talvez alguma voz"; a minha geração criou seus filhos "sim, eles tem direito a alguma voz"; a atual geração de pais da a eles "toda a voz". Quando falo de "voz" não estou falando de liberdade de expressão, mas de poder de decisão (CORTELLA, 2017, p. 15).

A autonomia quando é oferecida para a criança desde muito cedo, chega a uma determina fase em que não se consegue mais controlar. Hito (2004) aborda a questão de impor limites e regras, pois todo ser humano necessita dos mesmos, quando tais regras e limites não são implantados na criança desde pequeno a resistência será certa na adolescência ou até mesmo na fase adulta.

Uma das questões que leva os pais a serem permissivos, passivos e ceder a questão dos limites de seus filhos, é a falta de tempo, ela tem sido uma das grandes dificuldades na

questão da educação. No qual pais atarefados não encontram tempo de qualidade para com os seus filhos. E para se sentirem menos culpados procuram satisfazer o tempo que esteve ausente. "Na tentativa de compensar o tempo que passam distantes, muitos pais e mães cobrem os filhos de presentes, estabelecendo uma economia das trocas simbólicas", afirma Cortella (2017, p. 32).

Os pais procuram amenizar o sentimento negativo que carregam por não estarem presentes. Conseguem de certa forma trazer um bem estar temporário, diminuindo assim o sentimento de culpa que muitas vezes se mantém enraizado em seu interior. Com isso, não dão a devida importância do que tal ato pode acarretar na vida de seus filhos.

Não terá sido o fato de darem tudo? Criança que recebe tudo o que quer e quando quer, cresce sem parâmetros. Apresentam dificuldades de lidar com frustrações, com a perda, com o fracasso, com os limites. O ego se apresenta enfraquecido. E cabe aos pais fazer com que a criança se desenvolva com saúde física e mental (GRABARSKI, 2003, p. 41).

Nem sempre será possível satisfazer todos os desejos e vontades de um filho, e logo começam a surgir os problemas. Grabarski (2003, p.40) ressalta: "Dar, presentear, permitir e proporcionar o bem estar é necessário e importante. O perigo existe quando há o excesso. Quando a criança começa a apresentar indícios de querer cada vez mais e nada parece satisfazê-la".

As crianças já estão habituadas a receberem tudo os que desejam, não visualizando a dificuldade que muitas vezes seus pais enfrentam para realizar seus desejos e vontades, como elas aprenderam desde cedo que podem tudo, que seus pais se rendem aos suas premências, continuam a exigir o que querem, e com isso preocupação e tristeza penetram no interior desses pais.

Uma parte da tristeza de pais e mães não vem da impossibilidade de oferecer condições materiais para seus filhos. Vem exatamente porque essas questões materiais parecem não bastar, elas não são fonte de alegria e de prazer, mas encaradas como obrigação (CORTELLA, 2017, p. 10).

Entretanto, a falta de limites desde a infância não acarreta problemas somente aos pais e a criança, essa ação vai refletir no contexto social, ou seja, também irá ser manifesto dentro da sala de aula. Entende-se que a criança reflete na escola aquilo que ela é dentro de casa. "Apresentada como uma das principais causas do atraso e do baixo rendimento escolar, a indisciplina nas salas de aula é hoje objeto de discussões e teses. E também o transtorno de muitos professores" (BUENO, 2004, p. 65).

Muitas vezes professores não conseguem ministrar as suas aulas devido à indisciplina

dentro da sala de aula. Pode-se pensar que a indisciplina é de responsabilidade da escola, mas Cortella (2014, p. 105) deixa bem claro que: "a escola cuida da escolarização, que é um pedaço dentro da Educação. Por isso, não dá para pai e mãe, terceirizar o trabalho de educação. Nós fazemos escolarização".

A indisciplina e a violência escolar não é algo impossível de resolver, para que haja uma mudança significativa é preciso uma parceria entre escola e família, no qual se coloque à frente à formação integral do indivíduo. "Ora, não é tarefa da escola e nem da família fazer isto isoladamente, porque um projeto educativo é coletivo e não individual. Ele se realiza a partir de uma relação de parceria entre a escola e a família". (CORTELLA, 2014, p. 105). Só assim a batalha será vencida.

3.1 A PARTICIPAÇÃO DOCENTE NO CONTEXTO EDUCACIONAL DIANTE DE CONFLITOS E VIOLÊNCIAS

A parceria entre escola e família engloba também a atuação do professor, pois se sabe que no contexto educacional o professor é de extrema importância, sendo o principal mediador entre o conhecimento e o aluno.

Com a atual circunstância de indisciplinas e atitude violentas dentro das instituições, exige-se cada vez mais do docente que se torne um professor pesquisador, reflexivo e ter característica da humildade pedagógica, pois tal atitude de humildade pedagógica faz com que a Educação seja realmente coletiva (CORTELLA, 2014).

É possível entender que a indisciplina é o ato de protesto e expressão que se manifestam por meio de conflitos, praticados por alunos que se relacionam no meio da sociedade. Estes estão cientes de seus desejos pessoais e fazem da tentativa de criarem suas próprias regras conforme lhes convêm e vão ao contrário de ordens ditas. Como afirma Freuri:

A transgressão da ordem disciplinar se configura como manifestações de uma outra rede de relações, viva e informal, que cria e recria suas próprias normas a partir de conflitos enfrentados e resolvidos, no mais das vezes esquivando-se da intervenção ou arbitragem de representantes da ordem burocrática (FREURI, 2008, p. 69).

Freuri traz a reflexão que existe certa cumplicidade entre os alunos transgressores da ordem disciplinar. Pode-se considerar que tais indivíduos mesmo demonstrando atos de força e superação, na verdade buscam unir-se para não deixar transparecer suas fraquezas e inseguranças.

O conflito é considerado como uma intimação, logo, a escola e o docente têm uma predisposição a omitir o sujeito ou o grupo que pratica o ato do conflito, sendo esta uma

maneira de anular e negar o conflito existente. A tendência das instituições educacionais é apenas ignorar esse fator ou castiga-los pela prática efetuada, mas sem ter o propósito da mudança (FREURI, 2008).

O processo de mudança faz abordagem ao que é novo. Por isso, para que o docente juntamente com a escola, possam obter mudanças significativas em relação a tais conflitos, é de grande importância que estes não se sujeitem à aversão do novo.

Na visão de Cortella (2014), é de grande valia que o trabalho da Educação seja realizado com competência. Porém, constantemente modificam-se tudo ao redor, sendo assim, a competência também vai se aniquilando, pois não existem certezas eternas, a todo o momento tais certezas defrontam-se com mudanças contínuas. O autor mesmo afirma que: “Afinal de contas, nós lidamos com vida, e vida é processo e processo é mudança. Portanto, certezas são provisórias, com relações absolutamente temporais, dentro da nossa atividade” (CORTELLA, 2014, p. 41).

Ao deparar-se diante de variadas situações de desordens e atitudes violentas dentro do ambiente escolar, a instituição em si averigua-se soluções e respostas para tais atos estarem ocorrendo. No entanto, também é responsabilidade do professor, construir mediações e interação entre esses diferentes contextos, pois o docente em seu cotidiano com seus alunos acabam criando uma determinada relação entre professor e educando (CORTELLA, 2014).

Sendo assim, por meio de seu sublime relacionamento com seus discentes, a sala de aula torna-se um lugar de refúgio e seus alunos serão conscientes de que o professor pode auxiliá-los diante de determinadas situações violentas. Luckesi corrobora: “Para garantir um clima harmonioso dentro da sala de aula é indispensável um relacionamento positivo entre professores e alunos, uma forma de instaurar a ‘vivência democrática’ tal qual deve ser a vida em sociedade” (LUCKESI, 1993, p. 58).

Para alcançar tal clima harmonioso, Freinet (1973) traz a reflexão da necessidade de uma nova orientação pedagógica, pois o professor precisamente carece ser amparado por apoio pedagógico para lidar diante de situações adversas de conflitos. Ambos compreendendo que tais conflitos são consequências de desordem familiar e social em que os alunos presenciam e vivenciam, interferindo diretamente na vida escolar dos mesmos.

Por mais que a palavra “conflito” traga um determinado impacto, é possível tratar o conflito como um instrumento essencial para construção da personalidade moral e para a aprendizagem. Porém, em particular, alunos que sofrem em seus lares ou que se atormentam diante de seus próprios conflitos interiores, não conseguem fazer o uso do conflito como um recurso para a aprendizagem e construção da personalidade moral de si mesmo.

Diante da complexidade de seus conflitos interiores, o aluno muitas vezes expõe seus sentimentos por meio da violência. Entretanto o uso da violência é inviável para enfrentar os conflitos, pois o sujeito ignora os fatores importantes que irão auxiliá-los de maneira conveniente.

Entendo que a violência é uma maneira inadequada para lidar com os conflitos, porque lança mão de posturas coercitivas, autoritárias e impositivas, inibindo soluções que considerem a possibilidade de pensar e gestionar os impasses escolares de forma positiva (DANI, 2009, p. 573).

Para evitar o uso da violência perante determinados conflitos, é indispensável a presença e a intervenção do professor, pois este será o mediador na resolução de tais conflitos. Segundo Freuri (2008, p. 99), “a superação da oposição deve ser construída através de mediações. Para isso, é preciso uma condução flexível e intencional”.

Essa condução flexível é fundamental para o docente, trata-se de ser convicto, analisar os fatos, observar necessidades de intervenções e mudanças, saber o momento de agir e não se contagiar com ideias irrelevantes. O que é diferente de ser volúvel, pois o indivíduo volúvel se deixa levar pelo momento ou circunstâncias, sujeitando-se a tudo que lhe é proposto (CORTELLA, 2014).

Com o atual contexto educacional, ser flexível é uma complexa missão, pois se trata de um ambiente em que diariamente ocorrem práticas transgressoras e violentas, local em que alunos geralmente sentem-se constrangidos e ameaçados. Resultando assim espanto e a preocupação para o docente.

Isso gerou dentro do espaço escolar, no que se refere ao docente, tempos perplexos no contato. Perplexidade, inclusive, diante de uma criança de 8 anos que aponta para o nariz do professor numa atitude desafiadora, e que, portanto, não tem uma relação respeitosa com adulto, não está habituada com isso no dia a dia. Perplexidade também por causa de ameaças de agressão física, “eu te pego lá fora”, com parte da sociedade que é conivente com isso. Perplexidade porque o aluno diz “isso não serve para nada”. Essa negligência do respeito na convivência dá ares de confronto na relação com o docente (CORTELLA, 2014, p. 31).

Porém, mesmo perante as situações que transmitem a falta de respeito do aluno para com o professor, é importante enfatizar com que o profissional interrompa seus julgamentos e suas antigas práticas pedagógicas como: repressões, imposição de valores e exclusões. Sendo assim, é conveniente que o docente tenha um novo olhar em relação à disciplina, que por meio desse olhar ele possa reconhecer, valorizar e oferecer a devida atenção que o discente necessita (FREURI, 2008).

Tal concepção exige que além desse novo olhar de reconhecimento ao discente, é de extrema importância que haja a interação entre a escola e a família. É de grande relevância

que a escola compreenda quais são os fatores que provavelmente ocorrem no meio familiar, que o resultado é atitudes indisciplinar e violentas de seus alunos.

Sendo de imensa importância que o profissional tenha a real esperança de que as ações conjuntas entre escola, aluno e família irão obter um resultado satisfatório. Cortella (2014) enfatiza que, tal esperança é acreditar que é possível haver a mudança, e ter a atitude para realizar modificações necessárias. A geração atual exige a parceria entre a família e a escola, por isso, pode-se considerar que é vantajosa a elaboração de projetos pedagógicos que envolvem ambas as partes, sendo assim uma tarefa conjunta.

Pois por mais que o papel do docente seja de extrema importância, não se pode tirar a responsabilidade que a família tem sob seus filhos. A família é considerada o primeiro transmissor de conhecimento e é responsável pela maneira em que o indivíduo se relaciona na sociedade.

Então, pode-se considerar que atos violentos, rebeldia e indisciplina são resultados da vivência destes alunos dentro do ambiente familiar. Lugar este que muitas vezes transmite competitividade, violência, egoísmo e até uma determinada obrigação de estarem juntos.

Seguindo esta reflexão, Cortella (2015) afirma que essas tais características dentro do ambiente familiar, seria apenas como um agrupamento de pessoas. Em vez de ser um recinto em que os membros têm objetivos comuns, ambiente que é possível perceber claramente o cuidado e a proteção de si mesmo e daqueles que estão ao redor, fazendo assim da família uma comunidade.

Comunidade esta que seu envolvimento engloba o amor, cuidado e afeição, tendo uma real convivência de todos os membros da família, sendo assim, os mesmos crescerão e se fortalecerão juntos. “Mas, por ser um lugar de amor, é um lugar também de exigência e de responsabilidade” (CORTELLA, 2014, p. 98).

Logo, perante as ideias discutidas por Cortella, é possível obter um parâmetro de que faz parte do amor: supervisionar, exigir, critérios e limites. O que muitas famílias ignoram, pois para elas o amor seria apenas aceitar tudo e lhe oferecer a seus filhos todos seus desejos. Resultando assim, indivíduos egocêntricos e individualistas, que quando não obtêm seus anseios, utilizam até mesmo da própria violência contra o próximo.

4 MEDIDAS PREVENTIVAS E AÇÕES INTERVENTIVAS PARA A VIOLÊNCIA ESCOLAR

O presente capítulo propõe medidas e ações que irão proporcionar prevenção e intervenção de atitudes violentas no ambiente escolar. Neste capítulo, tem-se como objetivo

apresentar a família, não como causadora ou influenciadora da violência escolar, mas como uma das instituições necessárias para a prevenção e intervenção deste tipo de violência.

Compreende-se que a elaboração do projeto de aproximação da família com a escola inicia-se em um real conhecimento desta com o ambiente escolar. Por meio dessa relação, tal aproximação inicia-se na porta da entrada da instituição educacional, ocorrendo o primeiro contato entre responsáveis e docentes.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) n.º 9394 de 1996, a educação é dever do Estado e da família (com respaldo na Constituição Federal de 1988, artigo 205), sendo assim cabe aos responsáveis dos alunos se inteirarem da educação destes.

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988, p. 136).

Sendo assim, é de extrema importância que a instituição de ensino elabore projetos pedagógicos que aproximem a família para dentro do ambiente educacional. Conforme Salla (2013, p. 37): “para que possam colaborar, os pais precisam ser incluídos no planejamento pedagógico, entender as estratégias da escola e saber o que se espera deles. Nesse sentido, é imprescindível ouvi-los para identificar o que podem fazer”.

A interação da família e escola faz com que a Instituição educacional converta os pais e responsáveis em parceiros da educação, cada qual com o seu devido papel, buscando assim seus objetivos, com enfoque principal de prevenção contra a violência e no combate das mesmas já existentes no meio educacional, visando assim à educação integral do educando.

A família e a escola são parceiras em relação a educação dos filhos; pois nenhuma das duas pode substituir totalmente a outra, tornando-se assim necessário um bom relacionamento entre ambas, contribuindo cada uma com a sua experiência e respeito as exigências de cada uma para que se possa evitar que o educando sofra consequências (JARDIM, 2006, p. 43).

Diante da ideia de Jardim, pode-se considerar que é de grande importância a conexão entre família e escola, para que assim seja possível obter a formação do sujeito por completo e agir com intervenção nas atitudes violentas. Sendo visível a necessidade de aplicação de um currículo acessível e adaptável, pois dentro do ambiente escolar está inserida a diversidade de indivíduos.

Portanto para a realização de um currículo flexível, assim como o alcance do objetivo de prevenção e intervenção da violência, não se pode deixar de lado o papel do professor, pois

afinal é o que está a maior parte do tempo com o aluno e é o que muitas das vezes presencia diretamente o ato da violência ou até mesmo acaba sendo vítima de tal atitude violenta.

Por esta e muitas outras questões, faz-se necessária a formação do professor, porém apenas a formação preliminar não é o suficiente. Pois diante das diversas situações violentas que ocorrem dentro do ambiente escolar, o profissional não se torna apto e capaz para agir diante de tal problema.

A formação inicial do professor se apresenta de forma insuficiente e aligeirada, não sendo capaz de suprir os desafios da formação docente diante do novo contexto que exige dos profissionais uma série de capacidades e habilidades [...] que não estão presentes nos cursos de formação (TEDESCO, 1998 *apud* LEITE; GHEDIN; ALMEIDA, 2008, p. 29)

Sendo assim, é indispensável a formação continuada do docente, para que o mesmo possa estar preparado para atingir o objetivo da intervenção e até mesmo a prevenção contra à violência. Porém torna-se imprescindível a análise das transformações dos que influenciam diretamente a educação e formação do educando.

[...] não podemos tratar o tema profissão docente sem considerar o que acontece fora das salas de aula e das instituições educacionais, ou seja, sem analisar as grandes mudanças que aconteceram nas últimas décadas no conhecimento científico, na tecnologia, nas estruturas familiares, (...) etc., que influenciam, logicamente e em grande medida, a profissão docente, porque este não é apenas um trabalho educacional, mas um trabalho social por excelência (IMBERNÓN, 2016, p. 111).

Diante de variadas mudanças e diversidades das estruturas familiares, é necessário adaptar as atividades e o melhor momento para serem realizadas juntamente com a família, ou seja, “reconsiderar o conjunto das atividades relacionadas com a organização dos horários”, para que assim seja possível a integração da família na escola (GOMÉZ-GRANELL; VILA, 2009, p. 19).

Entende-se que, reuniões elaboradas pela escola são de extrema importância para que haja a aproximação da família e escola. Porém, é de grande valia apontar os pontos positivos e saber como citar os negativos. Pois, quando a escola apenas expõe aspectos negativos acaba repelindo os responsáveis, tornado assim inviável a comunicação família e escola.

É fundamental o apoio na escolarização do discente, sendo necessário haver a compreensão e a cooperação tanto da família como da instituição de ensino. Ressaltando assim que por meio da aprendizagem dialógica, cada indivíduo construirá inovadoras compreensões sobre a vida e o mundo. Analisando assim, suas atitudes agressivas e negativas no âmbito escolar.

A presença da aprendizagem dialógica fundamenta a interação dentro do ambiente educacional, englobando sociedade, família e escola. Pode-se considerar que instituições escolares que obtêm o sucesso no alcance do objetivo da aproximação com a família, a mesma atinge com êxito o objetivo estimado de prevenção e intervenção da violência. Como ratifica Flecha e Mello, apontam a importância do diálogo entre todos os sujeitos envolvidos na formação do discente:

Os argumentos expostos no diálogo entre escola, alunos, seus familiares e demais pessoas que se solidarizam com aquela comunidade deve acolher os argumentos derivados do mundo objetivo e social em que estão inseridos, bem como do mundo subjetivo de cada participante. A avaliação dos argumentos no diálogo se dá com base em pretensões de validade, e não em pretensões de poder - a posição do especialista, ou seja, de quem domina um conhecimento especializado, não seria definidora do valor do discurso nele mesmo (FLECHA; MELLO, 2011, p. 15).

Flecha e Mello trazem a reflexão que diante de decisões a serem tomadas, os argumentos válidos vão além do poder.

Já Mello (2009) expõe que uma organização escolar menos autoritária e mais acessível tem como parâmetro critérios formativos, no quais assuntos debatidos são analisados e aceitos em conjunto com gestão, docentes, alunos, responsáveis e sociedade. Sem considerar o grau hierárquico de cada sujeito. Segundo o autor,

Ao se dialogar com os alunos, as famílias e os membros da comunidade local, reorganiza-se a escola de modo a torná-la mais democrática. Em uma comunidade de aprendizagem, a participação desses indivíduos é intensificada, fortalecendo-se os colegiados já existentes (como conselho de escola, por exemplo) e ampliando-se sua presença em processos de reflexão, planejamento e ação (MELLO, 2009, p. 15).

Conforme o projeto já existente do Projeto Comunidade Escola desde 2005, o intuito é aproximar a sociedade e família no ambiente escolar. Tal projeto é de responsabilidade da Prefeitura de Curitiba, sendo realizado aos finais de semana das 9 às 17 horas, abrangendo a Educação Infantil e o Ensino Fundamental. Com a ideia de valorizar a escola como um local receptível para o conhecimento, oferecendo uma extensão para mudanças significativas ao combate à violência e interação social (CURITIBA, 2017).

O Programa Comunidade Escola é constituído por representantes da comunidade, voluntários, instrutores, servidores municipais e estagiários de graduação. Oferecendo cursos geradores de renda, atividades socioeducativas e culturais, sendo oferecido de forma gratuita, garantindo assim o real interesse da comunidade e família (CURITIBA, 2017).

Pode-se considerar que, para alcançar o objetivo de uma forma eficaz, é preciso trabalhar em parceria entre escola, docente, discente, família e sociedade. Elaborando e

trabalhando em cima de projetos que visem a prevenção, intervenção e até mesmo a erradicação da violência.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve a intenção de provocar uma reflexão sobre tamanha influência que a família exerce no que diz respeito a violência e a indisciplina no ambiente escolar.

Na busca pela problemática da pesquisa chegou-se a conclusão que a família pode sim ser considerada como um dos fatores relevantes que constitui a violência na escola.

Cabe ressaltar que o escopo de realizar esta pesquisa foi de afirmar a importância e o poder que a família exerce na construção do sujeito e a sua real significância. Neste sentido faz necessária a continuidade da pesquisa sobre a contribuição da família na violência escolar, para que por meio de estudos e investigações se confirme o quanto valioso é a ação exercida pela família, na vida, na criação e na formação integral do sujeito.

Formação esta que tem deixado a desejar, sendo que, a inversão de valores está dominando o meio familiar, em que objetos têm mais valor que um ser humano, e a conquista desenfreada por bens materiais é mais importante do que a construção integral de um ser que se diz ser amado, que amor é esse que busca suprir com objetos e presentes, em troca de atenção e presença.

Cobra-se a questão de saber como se portar diante da sociedade, sobre o certo ou o errado, mas não se dá a devida importância se a transmissão de como agir em meio a sociedade foi ensinada. É certo que, ninguém pode oferecer algo que nunca recebeu, logo, ressalta-se a importância de rever os conceitos e as prioridades.

Diante desta complexa problemática, é de extrema relevância a reflexão, profundidade e continuidade da pesquisa sobre os pontuados aspectos relativos à violência escolar. Para assim auxiliar na resolução das violências, por meio de intervenção e também de prevenção, favorecendo as relações escola, família e sociedade, para que seja possível obter um ambiente educacional pacífico, que haja o respeito e a superação da violência.

Conclui-se que por meio deste artigo, faz-se necessário uma educação mais humanizada, com a consciência e a atitude de mudança. Sendo que a mudança referida inicia-se em cada um: escola, docente, discente, família e sociedade. Tornando assim um trabalho coletivo de todos os indivíduos que estão diretamente ligados na educação e formação do educando. Para tal realização é fundamental fazer a diferença, romper com desculpas e focar-se nas prioridades, sendo assim, será possível obter um resultado significativo no combate à violência dentro do ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam (Coord.). **Cotidiano das escolas: entre violências**. Brasília: UNESCO, 2005.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

AURÉLIO, Dicionário. **Opugnação**. Disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com/>. Acesso em: 19 set. 2017.

BRASIL. **Constituição** (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Biênio, 2009/2010.

BRASIL. Lei n.º 8.069 de 13 de julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Disponível em: http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/camara/estatuto_crianca_adolescente_9ed.pdf. Acesso em: 19 set. 2017.

CAMPOS, Jacyra Calazans. CARVALHO, Hilza Aparecida. **A psicologia do desenvolvimento: influência da família**. São Paulo: EDICOM, 1983.

CHALITA, Gabriel. **Pedagogia da Amizade – Bullying: O sofrimento das vítimas e dos agressores**. São Paulo: Gente, 2008.

CORTELLA, Mario. **Educação, convivência e ética: audácia e esperança**. São Paulo: Cortez, 2015.

CORTELLA, Mario. **Educação, escola e docência: novos tempos, novas atitudes**. São Paulo: Cortez, 2014.

CORTELLA, Mario. **Família: Urgências e Turbulências**. São Paulo: Cortez, 2017.

CURITIBA. Prefeitura Municipal de Curitiba. **Comunidade Escola**. Disponível em: <http://www.comunidadeescola.org.br/>. Acesso em: 9 out.2017.

DANI, Lúcia Salete Celich. Conflitos, sentimentos e violência escolar. **Revista Diálogo Educacional**. v. 9, n. 28, Curitiba: Champagnat, set./dez. 2009.

EYNG, Ana Maria; GISI, Maria Lourdes; ENS, Romilda Teodoro. Violências nas escolas e representações sociais: um diálogo necessário no cotidiano escolar. **Revista Diálogo Educacional**. v. 9, n. 28, Curitiba: Champagnat, set./dez. 2009.

FLECHA, Ramón; MELLO, Roseli Rodrigues. Educação e comunidades de aprendizagem. **Pátio Ensino Fundamental**. Artmed. Porto Alegre. v. 15, n. 58, jul. 2011.

FREURI, Reinaldo. **Entre disciplina e rebeldia na escola**. Brasília, DF: Liber Livro, 2008.

GIL, Antônio. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

G1 BRASIL. **Pesquisa do IBGE aponta Brasília como campeã de bullying.** 2010. Disponível em: <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2010/06/pesquisa-do-ibge-aponta-brasilia-como-campea-de-bullying.html>. Acesso em: 17 mai. 2017.

GARCIA, Joe. **A gestão da indisciplina na escola.** In: Colóquio da Secção Portuguesa da Afirse/AIPELF. 11, Lisboa, Portugal. Atas. Lisboa: Estrela e Ferreira. 2001. p. 375-381.

GOMÉZ-GRANELL, Carmen; VILA, Ignacio. A cidade como projeto educativo. **Pátio Revista Pedagógica.** Artmed: Porto Alegre. v. 13, n. 51. ago/out. 2009.

GRABARSKI, Marilza Regazzo. **Pais e filhos, uma convivência saudável.** Curitiba: San Martin, 2003.

GUIMARÃES, Âurea Maria. Indisciplina e violência: a ambigüidade dos conflitos na escola. In: AQUINO, Julio Groppa (Org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas.** 11. ed. São Paulo: Summus, 1996.

HITO, Clarice; BOTH, Ivo José; BUENO, Moisés José. **Limites na Educação dos Filhos e sua Influência no Contexto Escolar e Social.** Cascavel-PR: IGOL, 2004.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro. **Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

IMBERNÓN, Francisco. **Qualidade do ensino e formação do professorado: uma mudança necessária.** São Paulo: Cortez, 2016.

JARDIM, Ana. Paula. **Relação entre Família e Escola: Proposta de Ação no Processo Ensino e Aprendizagem.** Presidente Prudente, SP: UNOESTE, 2006.

LEITE, Yoshie Ussami Ferrari; GHEDIN, Evandro; ALMEIDA, Maria Isabel. **Formação de Professores: Caminhos e descaminhos da prática.** Brasília, DF: Liber Livro, 2008.

LEME, Maria Isabel da Silva. A gestão da violência escolar. **Revista Diálogo Educacional.** v. 9, n. 28, Curitiba: Champagnat, set./dez. 2009

LEME, Maria Isabel da Silva. **Convivência, conflitos e educação nas escolas de SP.** São Paulo: ISME, 2006.

LUCKESI, Cipriano. **Filosofia da educação.** São Paulo: Cortez, 1993.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos. Interações sociais e desenvolvimento: A perspectiva sócio histórica. **Caderno CEDES.** v. 20, n. 35, Campinas, SP, 2000.

SALLA, Fernanda. Todos juntos: Escola e família: hora de firmar a parceria. **Revista Nova Escola.** São Paulo, v. 28, n. 263, jun./jul., 2013.

SILVA, Nelson Pedro. **Ética, indisciplina e violência nas escolas.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

UNICEF. Assembléia das Nações Unidas de 20 de novembro de 1959. **Declaração dos Direitos das Crianças**. Disponível em: <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Crian%C3%A7a/declaração-dos-direitos-da-criança.html>. Acesso em: 27 set. 2017.